

**Como a construção do corpo está para a construção de espaços urbanos; a Orla Morena em Campo Grande – MS e a sua relação com a história da cidade**

**How the body's construction is for the construction of urban spaces; the Orla Morena in Campo Grande MS and its relation with the history of the city.**

Lenita Maria Rodrigues Calado<sup>1</sup>

Resumo:

Observando a cidade como aglutinadora de corpos, e sendo ela mesma, um corpo social, surge a “intriga”: Como a construção dos corpos está incorporada ao mecanismo dos projetos urbanos? Nesse artigo pretende-se responder essa questão. O objeto é a construção da Orla Morena, praça linear da capital do estado de Mato Grosso do Sul. Os lugares, que servem como vitrines dos corpos trabalhados pelas atividades físicas, são importantes na configuração que transformam as cidades em cidades da imagem. A cidade como um corpo de atração, em construção, servindo de retroalimentação para os corpos que praticam os espaços.

Palavras-chave: Corpos, Espaços urbanos, Orla Morena.

Abstract:

Observing the city as a unifying bodies, and being herself, a social body, “intrigue” arises: How the construction of the bodies is incorporated in the mechanism of urban projects? In this article we aim to answer this question. The object is to build Orla Morena, linear square of the capital of the state of Mato Grosso do Sul. The places that serve as windows of bodies worked by physical activity, are important in configuration that transform cities in image cities. The city as an attraction body under construction, serving as feedback for the bodies practicing spaces.

Key-words: Bodies, urban spaces, Orla Morena.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História – UFGD/ Bolsista CAPES. Email: [leleninitata@hotmail.com](mailto:leleninitata@hotmail.com)

A cidade é um corpo em movimento, em constante transformação, formado pelos corpos. A cidade moderna é o lugar, primordialmente, em que os corpos realizam suas atividades coletivamente.

Principalmente, a partir da década de 1960, o corpo foi considerado o motivo principal para os projetos de transformações urbanas. Os lugares procuravam se relacionar com o discurso que constituía os corpos. O *body building*, o *city marketing*, e a moda, trouxeram novos ideais para a sociedade moderna.

A ideia de reconstruir e modificar o corpo é recente no ocidente e está ligada a vários fatores. [...] Em uma fase mais recente, o misto de disciplina ascética e hedonismo narcísico que caracteriza o *body building* veio se intensificando dos anos 60 para cá. Na sociedade do espetáculo, a hipervalorização da aparência física do corpo é fruto de sua excessiva exposição no espaço público (SANTAELLA, 2004, p. 60).

Sendo assim, a ideia de reconstrução do corpo demandou espaços para as atividades que corroboram para esse discurso. Já o *city marketing*, política de venda das cidades para o consumo por meio de turismo e outras estratégias, grandemente utilizada nos anos de 1990 (SÁNCHEZ, 2003), usou das necessidades dos consumidores para dar peso à ideia de transformação dos corpos. A moda é a exposição desses corpos transformados, ou seja, o resultado é para ser visto.

[...] neste movimento, não são apenas fragmentos do espaço urbano que entram nos fluxos mercantis, incorporados de acordo com interesses locacionais (sic) específicos e respectivas estratégias de acumulação de empreendedores imobiliários, agentes empresariais multinacionais ou empresários do turismo. São as cidades que passam a ser “vendidas” dentro das políticas do Estado que, no atual estágio do regime de acumulação capitalista, procura cumprir com uma agenda estratégica de transformações exigidas para a inserção econômica das cidades nos fluxos globais. Neste contexto, não basta renovar as cidades, é preciso vendê-las e, ao fazê-lo, vende-se a imagem da cidade renovada (SÁNCHEZ, 2003, p.50).

O discurso, de posse do corpo e de sua reconstrução, precisou de espaços públicos para se revelar. Os espaços ganharam novas significações e converteram-se em lugares de exibição dos corpos. Portanto, a estratégia de venda da cidade ganhou com a junção entre o que se pretendia para os corpos e os lugares, nos quais, os corpos estariam na vitrine.

Corpos transformados e exibidos fazem parte das práticas vividas pelos habitantes da cidade, mais que uma moda, um discurso na forma de um dispositivo, o discurso da saúde e da sexualidade, e o dispositivo da atividade física. Esses corpos demandam

espaços para suas práticas, espaços públicos e privados são os meios de propagação desses discursos.

Sendo assim, surgem espaços tais como a Orla Morena em Campo Grande, MS. Um espaço público que representa como o corpo é motivo de construção de significados na cidade assim como, direciona também, suas transformações.

A Orla Morena foi inaugurada em 2010, é uma praça linear que ocupa dois quilômetros e trezentos metros, na Avenida Noroeste, por onde passavam os trilhos da Ferrovia Noroeste do Brasil que atravessavam a cidade. Os trilhos foram retirados quase em sua totalidade, restando apenas algumas porções que foram preservadas como enfeites da arquitetura da praça.

Lucia Morel, em 24/03/2009, no Capital News:

#### **Projeto**

A Orla Morena é um conjunto de obras que compreendem 2,3 quilômetros de revitalização da região remanescente dos trilhos da ferrovia na região do centro. Para isso, serão criados instrumentos de lazer com parque linear, pistas para caminhada, aparelhos de ginástica e ciclovia ao longo de toda área<sup>2</sup>.

As notícias sobre o projeto trazem a preocupação com o uso do espaço, elencando atividades esportivas e relacionadas ao corpo. Na perspectiva em que o corpo não só recebe sentido pelo discurso, mas é inteiramente constituído pelo discurso (FOUCAULT, 2013), pode-se afirmar que o corpo revela o discurso.

O corpo e as atividades como amálgama do pertencimento, as simbolizações são feitas a partir da relação dos corpos com os lugares. As relações são, *a priori*, realizadas sobre a base da realidade física, que são as formas dos equipamentos urbanos estabelecidos para as atividades da população. A Orla foi construída para que nela se realizassem atividades físicas e culturais, e ainda possui pedaços de trilhos que simbolizam a história, partes do quebra-cabeça, um lugar que é “história fragmentada”.

O corpo sendo, então, como o motivo da transformação urbana, não mais o coletivismo do trabalho, não mais a funcionalidade frustrante dos fluxos, mas o corpo como principal objetivo. Os espaços construídos a partir de escolhas para a realização dos corpos, dóceis, estáveis, sadios, controlados, valorizados esteticamente, e sempre expostos nesse mesmo espaço público.

---

<sup>2</sup> Capital News, acessado em 10/05/2016: <http://www.capitalnews.com.br/cotidiano/orla-morena-vai-modernizar-e-reestruturar-campo-grande/68906>

Esse discurso da saúde, com relação aos espaços urbanos, funciona como realização do sentimento de pertencer. Fazer parte do todo que é a cidade moderna. Lembra-nos Michel Maffesoli:

Ser do qual “participamos”, de maneira quase mágica. É o que nos permitirá talvez compreender o sentimento de pertencer: fazemos parte de um grupo, somos de alguém, pertencemos a um território, temos uma preferência sexual, musical, esportiva, religiosa (MAFFESOLI, 2007, p. 48).

O corpo é o objeto da transformação individual e o mote da transformação do corpo social no urbano, o corpo que a cada sujeito pertence e os corpos que pertencem ao espaço.

Segundo Zygmunt Bauman:

Se a sociedade dos produtores coloca a saúde como padrão que seus membros devem atingir, a sociedade dos consumidores acena aos seus com o ideal da *aptidão* (*fitness*). Os dois termos – saúde e aptidão – são frequentemente tomados como coextensivos e usados como sinônimos; afinal, ambos se referem a cuidados com o corpo, ao Estado que se quer que o corpo alcance e ao regime que se deve seguir para realizar essa vontade. Tratar esses termos como sinônimos é, porém, um erro – e não meramente pelos fatos conhecidos de que nem todos os regimes de aptidão “são bons para a saúde” e de que o que ajuda a manter a saúde não necessariamente leva à aptidão. Saúde e aptidão pertencem a dois discursos muito diferentes e apelam a preocupações muito diferentes (BAUMAN, 2001).

Então, esse erro de pensar a saúde como sinônimo de aptidão, essa última para o consumo, leva aos projetos que também são formulados com desvio de interesses. Lugares que são construídos com o intuito de seu uso para a saúde, mas com a perspectiva de aptidão para a venda da imagem da cidade. Corpos produtores, mas que servem para o consumo.

A naturalização do *fitness* como saudável é uma mostra desse discurso enviesado pela contradição entre o que se oferece e o que se quer consumir. O discurso vai do uso dos lugares preparados para as atividades e a naturalização de suas existências em meio à cidade do trabalho. A atividade física posta em lugares públicos como se fosse um imperativo a normatização das condutas.

Tem-se, portanto, vários processos históricos acontecendo em conjunto na criação de um espaço público como a Orla: a produção e a construção do corpo saudável, a história do espaço (representada pelos trilhos) como elaboradora do sentimento de pertencimento, a

aptidão como ideal a ser consumido e o uso significativo do lugar como participação efetiva na cidade.

As alterações na cidade foram propostas pelo poder institucional, sendo que essas refletiam o imaginário de futuro dos que detinham esse poder de decisão na política. Assim, sobre as transformações ocorridas na cidade por conta de projetos urbanos, elaborados pela prefeitura, se faz necessário observar como o poder institucional se exprime, e como a presença dos governantes se manifesta nas transformações da cidade.

Assim sendo, a escolha de quem são os beneficiários do uso dos espaços citadinos fica a cargo dos poderes institucionais e dos ocupantes de cargos públicos. Mas,

Em geral, se privilegia o poder do Estado. Muitas pessoas pensam que as outras formas do poder derivam dele. Ora, penso que, sem chegar a dizer que o poder de Estado deriva das outras formas de poder, ele é, ao menos, fundamentado sobre elas, e são elas que permitem ao poder de Estado existir. Como se pode dizer que derivam do poder de Estado o conjunto de relações de poder que existem entre os dois sexos, entre os adultos e as crianças, na família, nos escritórios, entre os doentes e os saudáveis, entre os normais e os anormais? Se queremos mudar o poder de Estado, é preciso mudar as diversas relações do poder que funcionam na sociedade (FOUCAULT, 2006, p. 268).

O poder exercido pelos cidadãos em suas relações fundamentam o poder de Estado, e as determinações referentes aos espaços de uso público acabam por refletir essas outras formas de poder que nos diz Foucault. As escolhas pelas transformações dos corpos sejam por serem saudáveis ou reconstruídos para a exposição e *marketing*, foram representadas na construção de lugares como a Orla.

Os lugares, seus usos e significados vão sendo construídos pelo discurso a que eles se enquadram, do poder pessoal ao poder político, não é uma dominação macro, mas uma tessitura das relações de poder.

Sendo que, a exposição, a vitrine, vem em conjunto com o conceito de panoptismo, as formas que nos vemos e somos vistos, como somos vigiados, ou admirados. A vigilância e a percepção dessa observação constante congregam os lugares da cidade que são lugares de visibilidade.

A Orla é um lugar de visibilidade, sendo também um espaço panóptico, onde a disciplina se instala pelo fato de se poder ver e ser visto. Sendo que,

A esse respeito, o Panóptico é o modelo do mundo utilitarista: tudo nele é só artifício, nada de natural, nada de contingente, nada que tenha o existir como única razão de ser, nada de indiferente. Tudo ali é exatamente medido, sem excedente, nem falta. As articulações, os dispositivos, as manipulações. Por toda parte, máquinas. Ali, nenhum objeto é aquilo que simplesmente é, nenhuma atividade tem seu fim em si mesma. A vigilância

começou bem antes que o inspetor venha tomar seu lugar na loja que lhe é destinada no centro da configuração; ela começa desde a redação do projeto, desde que ele é concebido e planejado, desde sua previsão. Ali nada é “deixado ser”, pois que tudo tem vocação para funcionar. O Panóptico é então uma vasta máquina da qual cada elemento é por sua vez máquina, objeto de um cálculo (MILLER, 2008, p. 93).

A Orla Morena, assim como a cidade, foi projetada também nessa ótica utilitarista, e mesmo que não exista um lugar determinado de vigilância, todo o espaço exerce esse maquinário de comportamento vigiado.

Na extensão da criação do Panóptico de Bentham, tão bem apresentado por Michel Foucault, pode-se analisar a cidade, que se situa no utilitarismo, e seus espaços públicos encarados como representantes do cotidiano controlado e disciplinado da sociedade (FOUCAULT, 2010). Se o projeto de Bentham era de prisões, de controle máximo pela incerteza, mas da total possibilidade de vigilância, também se exerce esse aspecto na cidade moderna.

Não importa quão diferentes, ou até mesmo quão opostos, sejam os propósitos: seja o de *punir o incorrigível, encerrar o insano, reformar o viciado, confinar o suspeito, empregar o desocupado, manter o desassistido, curar o doente, instruir os que estejam dispostos* em qualquer ramo da indústria, ou *treinar a raça em ascensão* no caminho da educação [...] (BENTHAM, 2008, p. 19).

Pode-se treinar a raça para terem corpos aptos para o trabalho e para o consumo. O próprio discurso serve de vigilância, de retroalimentação às vivências e às práticas assumidas pelo sujeito. Sujeito, esse, que está enredado pelas formas do exercício de poder, consumindo e sendo assujeitado por processos de dominação e subjetivação.

Quem conhecia a região antes da construção do espaço multiuso conta que a área era abandonada, que dava lugar somente ao mato alto e a insegurança.

De encontros religiosos a apresentação de teatro e grupo de danças que usam o lugar para ensaiar, a Orla transformou a vida dos moradores, que se tornaram uma comunidade ativa para defender o espaço, um exemplo a ser seguido por outras praças e parques da cidade.

Para garantir que o espaço não seja alvo de vândalos, os moradores criaram a Associação dos Amigos da Orla Morena e se tornaram os olhos e ouvidos do parque. Qualquer coisa que aconteça de errado ou diferente, a prefeitura logo é comunicada ou se estiver no alcance da comunidade o problema é resolvido.

O presidente da associação, Ricardo Sanches, 31 anos, diz que objetivo dos moradores é manter o local como foi entregue. “Se não tomássemos

uma atitude desde o começo, a gente ia ver isso tudo sendo destruído rapidamente”, afirma (OLIVEIRA, 11/08/2013).<sup>3</sup>

Existem mecanismos de controle com observância do bem comum. A preservação, a utilização e o controle fazem parte da organização em torno dos discursos.

Não só porque a tecnologia nos oferece meios, mas principalmente pela vigilância normativa do outro, os olhos dos outros habitantes estão em todos os lugares públicos. E os outros podem representar, moralmente, a presença de Deus.

O panóptico é uma máquina de produzir uma imitação de Deus. Não foi isso que uma vez Bentham quis significar fazendo de um versículo do Salmo 139 a legenda de um dos numerosos “esboços” que ele endereçou aos poderosos a respeito de seu projeto? “Quer que eu ande ou me deite, por toda parte estás lá: meus caminhos são todos por ti espiados. Se digo: que a terra me cubra!, minha noite em dia será transformada. E ali ainda tua mão se conduzirá, e tua direita me pegará” (W,XXI,p 96,nota) (MILLER, 2008, P.91).

A Orla é um exemplo dessa visibilidade, todos podem passar por ela, e podem ser observados, como podem observar os outros cidadãos também. Seja moralmente imposto, pela religiosidade ou, meramente sugerido pela onipresença do olhar dos sujeitos sociais, o que nota-se é o autocontrole e a constante obrigatoriedade de comportamento adequado para ser cidadão.

A Orla Morena é um espaço praticado pelos habitantes da cidade que, de corpos “dóceis” e disciplinados, fazem o uso do lugar, na ordem do pertencimento. O exercício físico é o predominante aglutinador de pessoas no local, durante toda a semana.

Viviane Oliveira escreveu:

A Orla ocupa o canteiro que divide as duas pistas da avenida Noroeste, local por onde passavam os trens da Noroeste do Brasil. Com pistas de caminhadas, esquite (sic), quadras de esportes, feira e ciclovia, o parque linear abriga a população de toda a cidade, de diferentes idades e de gostos (OLIVEIRA, 11/08/2013).<sup>4</sup>

O agenciamento coletivo é proposto pela mídia e pelos meios massivos de comunicação na imposição de uma ordem do discurso da saúde. “A propaganda não objetiva somente vender um produto ou um serviço, mas também promove uma

---

<sup>3</sup> Em Campo Grande News, Viviane Oliveira: <http://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/orla-morena-resgata-o-convivio-social-e-reune-moradores-de-variios-bairros> acessado em 26/09/2016.

<sup>4</sup> Em Campo Grande News, Viviane Oliveira: <http://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/orla-morena-resgata-o-convivio-social-e-reune-moradores-de-variios-bairros> acessado em 19/05/2016.

reengenharia do corpo e da mente, manipulando faculdades psíquicas” (BURROWES, 2007, p. 79).

A partir do discurso de saúde e de reconstrução dos corpos, projetos foram criados para incentivar o uso da Orla nas práticas corporais, e divulgados pela mídia:

O projeto Movimento-se, realizado pela Prefeitura de Campo Grande por intermédio da Fundação Municipal de Esportes (Funesp), será implantado em mais um pólo esportivo a partir da próxima quarta-feira (30). A aula inaugural de ginástica vai acontecer às 18h na Orla Morena, nas proximidades do teatro de arena (CORREIO DO ESTADO, 26/03/2011) <sup>5</sup>.

Em 30 de outubro de 2014 o projeto esportivo, lançado em 2011, teve um ápice de participação efetiva dos usuários do local. Aconteceu uma ação para o “Outubro Rosa”, mês de conscientização para a prevenção do câncer de mama, que contou com muitos participantes nas aulas de ginástica<sup>6</sup>. Nota-se que as aulas de ginástica ocorriam nas noites de segundas e quartas-feiras, num horário em que as pessoas podiam participar após a saída do trabalho. As campanhas pró-saúde sempre reuniram muitos adeptos, por conta do discurso saúde/atividade física estar, fortemente, reforçado na sociedade atual.

Em termos de historicidade, se pode pensar que a constituição dos corpos e seus fluxos sobre o espaço citadino é decorrente das transformações temporais. Esse corpo que é a cidade, produção dos corpos humanos, se molda a partir da temporalidade de seus sujeitos. Sujeitos são produtos dos discursos em seu tempo.

Não existe uma linha reta, uma essência em cada cidade. A construção é contínua, ainda assim com rupturas importantes no processo, mas jamais imóvel no tempo.

A Orla Morena surgiu de uma conformação pós-ruptura de invenção de Campo Grande como capital do Estado de Mato Grosso do Sul, que não nos cabe aqui tratar com mais profundidade. Mas é nítido como sua construção, e inauguração em 2010, vem de encontro aos processos históricos, aos discursos e às práticas de seus habitantes.

A Orla foi construída para representar e publicizar uma cidade moderna, com história preservada, naturalmente saudável e pronta para o consumo. Uma cidade a ser consumida e, ao mesmo tempo, que consome e produz sujeitos que pertencem à sua imagem. Sujeitos que exercem poder, se relacionando com os outros habitantes e com a própria cidade, ora

---

<sup>5</sup> Em Correio do Estado online: <http://www.correiodoestado.com.br/noticias/projeto-sera-implantado-na-orla-morena-quarta-feira/104553/> acessado em 25/03/2015.

<sup>6</sup> Em Capital MS: [http://www.capital.ms.gov.br/cgnoticias/noticiaCompleta?id\\_not=26431](http://www.capital.ms.gov.br/cgnoticias/noticiaCompleta?id_not=26431) acessado em 19/05/2016.



dominando, apropriando-se de espaços e os significando, ora sendo dominados pelos discursos produzidos pela própria coletividade cidadina.

### **Referências Bibliográficas:**

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Trad.: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENTHAM, Jeremy [et al.]. *O Panóptico*. Org.: Tomaz Tadeu. Trad.: Guacira Lopes Louro, M.D. Magno, Tomaz Tadeu, 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BURROWES, Patrícia. Prontoparaconsumo. In: CAIAFA, Janice & ELHAJJI, Mohammed [Orgs.]. *Comunicação e sociabilidade: cenários contemporâneos*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Manoel Barros da Motta (org). Trad.: Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2 ed. Ditos e Escritos (IV) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. *Os Anormais: Curso do Collège de France (1974-1975)*. Trad.: Eduardo Brandão. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. 8 ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

MAFFESOLI, Michel. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Trad.: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MILLER, Jacques-Alain. A máquina panóptica de Jeremy Bentham. Trad.: M. D. Magno. In: BENTHAM, Jeremy [et al.]. *O Panóptico*. Org.: Tomaz Tadeu. Trad.: Guacira Lopes Louro, M.D. Magno, Tomaz Tadeu, 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

SÁNCHEZ, Fernanda. *A reinvenção das cidades para um mercado mundial*. Chapecó: Argos, 2003.

SANTAELLA, Lucia. *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.

**Recebido: 10/11/2016**

**Aceito: 15/12/2016**